



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES (ICHCA)

CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO TÉCNICO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

COLETÂNEA: LINHAS CRÔNICAS

UMA PERSPECTIVA SOBRE A CENA CULTURAL DE MACEIÓ

NOME DA ORIENTADORA:

Mercia Pimentel

NOME DA ALUNA:

Maria Alessandra de Araújo

MACEIÓ-AL

2024

MARIA ALESSANDRA DE ARAÚJO

COLETÂNEA: LINHAS CRÔNICAS

UMA PERSPECTIVA SOBRE A CENA CULTURAL DE MACEIÓ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL/AL) – Campus A. C. Simões, como requisito parcial para obtenção de diploma.

Orientador (a): Prof. Dra. Mercia Pimentel

MACEIÓ-AL

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

A663c Araújo, Maria Alessandra de.
Coletânea : linhas crônicas - uma perspectiva sobre a cena cultural de
Maceió / Maria Alessandra de Araújo. – 2024.
27 f.

Orientadora: Mercia Pimentel.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 26-27.

1. Crônicas. 2. Jornalismo. 3. Cotidiano – Maceió (AL). I. Título.

CDU: 070 (813.5)

Folha de Aprovação

MARIA ALESSANDRA DE ARAÚJO

COLETÂNEA: LINHAS CRÔNICAS

UMA PERSPECTIVA SOBRE A CENA CULTURAL DE MACEIÓ

Relatório Técnico submetido ao corpo docente da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **MERCIA SYLVIANNE RODRIGUES PIMENTEL**
Data: 30/09/2024 15:32:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora: Profa. Dra. Mercia Sylvianne Rodrigues Pimentel

Documento assinado digitalmente
 **TIAGO PENNA**
Data: 02/10/2024 19:40:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

1º Examinador: Prof. Dr. Tiago Penna

Documento assinado digitalmente
 **JANAYNA DA SILVA AVILA**
Data: 04/10/2024 16:45:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

2ª Examinadora: Profa. Dra. Janayna da Silva Ávila

AGRADECIMENTOS

Que é a gratidão?

Toda a vida, ensinaram-me a ser grata. Se acaso alguém me fizesse uma gentileza, como me dar um presente, minha mãe logo corria e sussurrava ao meu ouvido que era certo agradecer. E eu obedecia. Somente agora, diante da tarefa de escrever esta página, percebo que nunca havia refletido sobre o que ser grato realmente significa. Sim, pois podemos ser gratos tanto por alguém nos ter salvado a vida quanto por um sujeito amigável que carrega nossas sacolas de supermercado. Com essa única palavra, “obrigado”, tentamos resolver todas as situações em que alguém nos salva — seja da morte ou do peso das sacolas. E, embora cada gesto seja único à sua maneira, temos a intuição de que cada um deles seja infinitamente valioso, por isso, agradecemos.

Seja por muito ou por pouco, quem pode mensurar? O sentimento de gratidão dissipa a solidão que imaginamos ter, revelando que às vezes, no meio do caminho onde havia uma pedra, alguém surge e a remove para que não tropeçemos. Com isso, eu respondo: a gratidão é o sentimento que temos ao sentir na atitude do outro para conosco, uma lucidez do que seja a bondade. Portanto, agora, eu agradeço por sua bondade, pois ela me deu espaço para começar e encerrar essa fase de minha jornada neste mundo.

À minha mãe, Maria, por me ensinar a força que uma mulher é capaz de ter e por nunca ter soltado a minha mão. Aos meus avós, Helena e Antônio, por terem me acolhido e por criarem o lar para onde eu sempre poderei voltar. Ao meu irmão, Alexandre, por ir além de nosso sangue e ser um amigo eterno na alegria e na tristeza. À Gabriella, minha Gabi, por ser a razão para tudo e a quem suspeito: tenha me criado mais do que eu crio a ela; e por ser tão doce em minha vida.

Aos meus caríssimos professores, cujo conhecimento pude aspirar em todos esses anos de universidade, e que construíram com suas instruções tudo o que me torna uma profissional jornalista, uma escritora etc. Especialmente, agradeço à professora Mércia, primeiro por ter me dado a mão em um momento tão crucial e difícil, me salvando sem saber que salvava; mas, além disso, agradeço a gentileza de ter me guiado com tamanha presteza e dedicação. E a Guilherme, por ter me acolhido em seu coração quando eu sentia-me viver em terras estrangeiras. Por todos esses anos juntos... por seu amor.

RESUMO

Este trabalho expõe conceitos essenciais sobre a crônica jornalística no Brasil, um gênero híbrido que combina elementos do jornalismo opinativo e da literatura, buscando apresentar o pensamento de pesquisadores e cronistas sobre o assunto. Além disso, pretende-se relatar o processo de criação do caderno intitulado “Linhas Crônicas”, desenvolvido como trabalho final de conclusão do curso de Jornalismo em formato de caderno digital, o qual aborda o cotidiano vivenciado em Maceió ao longo de doze textos que vão de conversas entre amigos a narrativas de festas ocorridas na cidade.

Palavras-chave: Crônica. Jornalismo. Maceió. Cotidiano. Ufal.

ABSTRACT

This work presents essential concepts about journalistic chronicles in Brazil, a hybrid genre that combines elements of opinion journalism and literature, aiming to present the thoughts of researchers and chroniclers on the subject. Additionally, it intends to report the creation process of the notebook titled “Linhas Crônicas,” developed as a final project for the Journalism course in digital notebook format, which addresses the daily life experienced in Maceió through twelve texts ranging from conversations between friends to narratives of parties held in the city.

Keywords: Chronicle. Journalism. Maceió. Daily. Ufal.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Objetivos.....	8
3. Fundamentação teórica.....	9
4. Processo de produção jornalística do trabalho.....	14
5. Considerações finais	23
6. Referências.....	26

1. INTRODUÇÃO

As páginas a seguir revelam o processo de criação do caderno de crônicas intitulado "Linhas Crônicas", com o objetivo principal de apresentar todos os conceitos que o guiaram e mostrar as nuances do desenvolvimento dos textos. Portanto, elas relatam tudo o que foi considerado pertinente ao projeto de TCC, cuja finalidade é demonstrar o conhecimento obtido no curso de Jornalismo.

A princípio, discorreremos sobre as questões relacionadas ao campo teórico existente sobre o gênero crônica, tratando de trazer as principais informações relacionadas, bem como autores mais e menos conhecidos que tenham contribuído, de alguma maneira, para a aprendizagem no sentido geral em relação à temática escolhida.

Também relatamos a história do gênero, identificando sua construção no Brasil e no mundo, descrevendo algumas de suas fases e entendendo suas relações intrínsecas ao jornalismo. Acrescentamos a isso as percepções obtidas durante as aulas do curso nos últimos semestres.

Dessa maneira, cabe dizer que a discussão gira em torno do repertório deixado por intelectuais, jornalistas, professores e cronistas que, em seu tempo e no nosso, construíram material digno de estudo e também de apreciação. Teremos, portanto, inserido no projeto o pensamento de nomes como Rubem Braga, José Marques de Melo, Antônio Cândido, Eliane Brum e tantos outros, os quais construíram obras completas e são referências essenciais.

Por tudo isso, reunimos várias outras informações pertinentes sobre a maneira como os textos contidos no caderno "Linhas Crônicas" foram elaborados. Tratamos, portanto, de identificar todas as perspectivas de sua construção, apontando quais ferramentas puderam ser utilizadas, quais foram as dificuldades, quais os seus atributos e, sobretudo, as particularidades que envolveram a sua elaboração.

"Linhas Crônicas" é, por fim, a compilação de doze crônicas sobre cenas vividas em Maceió durante momentos culturais, musicais, artísticos e também pessoais. Este relatório descreve o processo de sua criação, esclarecendo as escolhas feitas, relatando técnicas de elaboração textual e criatividade, além de detalhar o aproveitamento e aprendizado adquiridos durante todo o desenvolvimento.

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL

Expor a construção do caderno de crônicas, cujos relatos esboçam cenas pessoais, urbanas, culturais e artísticas vividas na cidade de Maceió.

2.2 ESPECÍFICOS

- Explorar a área do jornalismo literário;
- Propiciar a leitura de textos leves e reflexivos;
- Trazer um esboço de peculiaridades pessoais e culturais da cidade de Maceió;
- Explorar temas cotidianos culturais e artísticos.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O papel essencial do jornalismo é relatar os acontecimentos significativos. Os leitores, ouvintes e telespectadores devem ter acesso a informações de grande importância para eles como membros da sociedade, que os afetem de diferentes maneiras e contribuam para uma compreensão mais abrangente da realidade. Nesse sentido, o texto jornalístico deve ser claro, objetivo e facilmente compreensível, proporcionando um bom entendimento dos fatos.

Na faculdade de Jornalismo, essa ideia é enfatizada desde o início do curso e reiterada ao longo dos semestres. Um jornalista é orientado a apresentar as informações objetivamente no intuito de uma linguagem precisa, sem excessos ou ambiguidades. No entanto, assim como em qualquer área com regras estabelecidas, há também exceções, como no caso do jornalismo literário, que concede liberdades semelhantes às da literatura e, ao contrário do que vemos nos noticiários comuns, a essência do jornalismo literário reside na preocupação com a beleza do texto e na intenção das palavras em sua forma mais harmoniosa.

É nesse contexto que as crônicas se destacam: combinando a narração dos acontecimentos cotidianos, característica do jornalismo, com a preocupação estética das palavras, típica da literatura. Em seu texto *A vida ao rés do chão*, Antônio Candido, crítico literário, destaca que esse gênero não carrega grandes pretensões, tampouco assume a responsabilidade de fornecer aos leitores informações objetivas imprescindíveis para o dia a dia. Por isso, as crônicas permitem “uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural”. (Candido, 1981, p. 89)

Essa proximidade do texto com o leitor é, em grande medida, o cerne deste projeto. De diversas formas, a escrita carrega consigo a capacidade de despertar emoções, independentemente de serem positivas ou negativas. Por isso, escrever uma crônica equivale a revelar uma visão profundamente pessoal e compartilhá-la com os outros, na esperança de que o leitor consiga sentir a sua visão sobre um acontecimento, mesmo que não possa vê-la da mesma maneira — considerando que cada pessoa enxerga a vida a seu próprio modo.

Pensando em nos aprofundar melhor no assunto, é relevante destacar alguns pontos sobre a história do gênero, que desde o início foi uma forma de relatar os eventos históricos de maneira mais subjetiva. No contexto brasileiro, o gênero inicialmente

serviu como um instrumento para narrar as realizações dos colonizadores e suas conquistas, sendo escritas por eles próprios.

Mas, considerando o momento em que a família real chegou ao país em 1808 e a autorização para a publicação de jornais em terras brasileiras, os escritores brasileiros entraram em cena, trazendo consigo uma nova direção para o gênero da crônica. Nesse contexto, o primeiro espaço adquirido para as crônicas foi no rodapé dos jornais tidos como folhetins, de modo que

[...] nos espaços dedicados ao entretenimento do folhetim, jornalistas, literatos e novos escritores expressam suas opiniões e as mudanças ocorridas em todos os níveis sociais. A crônica, nesse período, constitui uma nova forma de dizer, em textos que tratavam dos hábitos e costumes dos brasileiros. (Silbert, 2012, p. 678)

Nesse ponto, os moldes estavam sendo preparados para as crônicas como as conhecemos hoje. Segundo os pesquisadores do formato no país, os passos mais significativos em direção à reformulação do gênero foram dados por José de Alencar, com sua série de publicações nos folhetins do *Correio Mercantil* em 1854, conhecida como *Ao Correr da Pena*. Pode-se afirmar que “Alencar e o/a leitor(a) estabelecem uma relação de proximidade, quase íntima, conversando tanto com as mulheres como com os homens, o que provoca um deslocamento ainda maior nas posições dialógicas”. (Siebert, 2012, p. 678).

Com isso, abriu-se um caminho pelo qual muitos outros puderam ingressar, e a partir de suas contribuições ao gênero, foi possível moldá-lo naquilo que hoje chamamos de “crônica brasileira” — não necessariamente criada por nós, mas adaptada à nossa própria forma de narrar os acontecimentos. A adição de tons poéticos, dramáticos, humorísticos e ficcionais sem dúvida fez parte desse processo, acrescidos por nomes que vão de Rubem Braga a Fernando Veríssimo, os quais injetaram no gênero as suas noções de escrita inconfundíveis.

Conforme sugerido, o cronista, assim como os redatores de notícia, vincula seu conteúdo no jornal, permitindo a ambos dar ordem e forma aos acontecimentos da época, interpretando o tempo vivido de maneira distinta. Quando um jornalista é enviado para cobrir um evento, ele busca algo novo, próximo ao seu público, socialmente relevante e capaz de despertar a atenção.

Por outro lado, o cronista não é designado para cobrir eventos específicos em locais determinados. Supõe-se que esteja em algum lugar e que, espontaneamente, seja

inspirado por algo que chame sua atenção, dando origem a palavras que formam significados completos em linhas inteiras.

Essa liberdade pode ser erroneamente interpretada como desleixo e sugerir uma natureza inferior. No entanto, a fluidez concedida na criação de uma crônica apenas alimenta seu propósito original. Antonio Candido foi enfático ao afirmar:

É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica. Os professores tendem muitas vezes a incutir nos alunos uma ideia falsa de seriedade; uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas e que conseqüentemente a leveza é superficial. Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas. (Candido, 1981, p. 91)

Certamente, o cronista se dedica a entregar narrativas aparentemente banais. No entanto, é necessário prestar atenção para perceber o que está implicitamente inserido nelas, algo que o autor insere para gerar significados além do entretenimento, e isso traz sua própria importância. Enquanto as notícias se tornam obsoletas de um dia para o outro, as crônicas podem perdurar, sendo resgatadas independentemente de sua data de criação e sendo lidas por outras razões além da obtenção de informações periódicas. Por isso, não é surpresa que muitos textos nesse formato tenham se tornado livros.

No Brasil, historicamente, houve uma estreita relação entre a crônica, o jornalismo e a literatura, onde jornalistas se tornavam cronistas e posteriormente escreviam romances (nem sempre nessa ordem, mas sempre com envolvimento). Alguns que seguiram esse caminho estão entre os grandes escritores brasileiros até os dias de hoje.

Nesse contexto, é relevante mencionar Paulo Mendes Campos e Machado de Assis, cujos textos de estilo singular foram guias para o caderno de crônicas criado. Ambos transitaram entre o jornalismo e a literatura, proporcionando aos seus leitores (de sua época e da nossa) textos de grande relevância intelectual e espiritual.

Em seu texto intitulado *O Nascimento da Crônica*, Machado de Assis compartilha um pouco sobre o processo de seus escritos, reforçando o que mencionamos anteriormente sobre os efeitos de um texto aparentemente casual, mas que vai além disso. Ele descreve:

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um

suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica. (Assis, 1994, p.13)

Sendo parte do jornalismo opinativo, o gênero estabelece uma espécie de essência onde é esperado que o autor, direta ou indiretamente, exponha a sua própria ideia diante dos assuntos, pois é um espaço no jornal onde é concedida a permissão de expressar a sua visão sobre os acontecimentos, buscando não fazer entender, mas sim mostrar o que entendeu mediante a sua escrita.

Por seu traço híbrido entre o jornalismo e a literatura, a crônica assume um lugar especial no contexto das leituras dos brasileiros. “É a pausa da subjetividade, ao lado da objetividade da informação do restante do jornal. Um instante de reflexão, diante da opinião peremptória do editorial” (Távola, 2001). O gênero é, portanto, como um breve intervalo entre os acontecimentos diários que merecem destaque nas primeiras páginas e nas discussões dos leitores. No entanto, porque todos os aspectos da vida valem, a crônica entra no jornalismo de forma um tanto fora do eixo para contar sobre coisas triviais, que não necessariamente precisamos saber, mas que temos prazer em descobrir.

Rubem Braga, Antonio Candido e outros cronistas brasileiros concordam que a crônica é um gênero desprezioso, comparando-a a uma conversa informal no jornal. No entanto, expressam um grande apreço afetivo, indicando que, embora não seja ambiciosa, a crônica satisfaz a necessidade humana pelo que é esteticamente agradável. Assim, para os fins deste relatório, a estética é de grande valor, pois a crônica é percebida com a mesma relevância dada àquilo que é belo e substancial. A leitura desse tipo de texto proporciona um encantamento semelhante ao que sentimos ao nos depararmos com uma bela pintura e também em contato com a literatura, por exemplo.

Roger Scruton, em seu livro *Beleza*, destaca a importância e o impacto da beleza na vida humana. Segundo ele, a beleza é essencial em um nível espiritual e sua ausência poderia levar à perda do sentido da vida. Além disso, o autor reconhece que, em um mundo caótico, a beleza, especialmente nas artes, tem o poder de nos confortar. “Não apenas porque agrada aos olhos, mas porque transmite significados e valores que nos são relevantes e que desejamos conscientemente expressar” (Scruton, 2013, p.19).

Scruton via a beleza como um valor capaz de elevar a alma humana, de dar significado à nossa caminhada terrena e dava a ela a qualidade de não pertencer às coisas úteis, mas, ao contrário disso: às coisas inúteis; assim como são o amor ou a amizade, por exemplo. Não seria, pois, o belo uma característica fundamental à vida na

instância em que se coloca o alimento e a segurança, mas teria o caráter de nos fazer escapar da árdua rotina da sobrevivência.

Contudo, chegamos então ao assunto da utilidade. Afinal, onde está a serventia de uma crônica? Talvez ela não seja útil para nada e seu valor recaia somente sobre quem a escreve (quando há retorno financeiro). No entanto, como Nelson Rodrigues já dizia, “o homem só é feliz pelo supérfluo”. Viver apenas com o que é útil pode muito bem significar apenas comer, dormir, trabalhar, etc., e a repetição enfadonha de tudo isso dia após dia. Abraçar o supérfluo, no entanto, nos lança a mundos possíveis, onde o “inútil” talvez seja aquilo que nos traga os maiores significados aos quais nos apoiamos.

Afinal, ao se demorar na leitura de *O Exílio* (1999), de Eliane Brum, pode-se perceber-se absorto diante da figura solitária da velhice, quando ela conta com tanta delicadeza sobre pessoas em um lar de idosos. Ou, talvez, nos evoque um sentimento acolhedor ao percorrer as linhas que retratam a mocidade tão singularmente como fez Paulo Mendes Campos em *Ser Brotinho* (1959).

De todo modo, a leitura de uma obra bem produzida desperta sentimentos e vieses que podem permanecer na alma do leitor ao ponto de lhe prover o gosto pelas palavras bonitas. Muitas vezes, faz com que haja nele a vontade de reler certos trechos, quiçá a crônica inteira e que, sem muito esforço, o leitor de poucos parágrafos venha a se tornar o amante de extensas páginas de literatura. Como, aliás, relembra o professor Marques de Melo: uma “[...] crônica deve ser capaz, senão de comover o leitor, pelo menos de fazê-lo pensar, sentir, ao pôr em movimento algumas de suas emoções” (Melo, 2003, p. 161).

4. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

Para delimitar a área de observação das crônicas deste relatório, optou-se por limitar os temas em torno das cenas culturais e certos momentos pessoais vividos em Maceió. Tanto as situações individuais como o tema da cultura são vastos e há muito a ser explorado. As possibilidades são numerosas e as abordagens, infindáveis; até mesmo o gênero da crônica é parte integrante da cultura brasileira, como afirmou Antonio Candido: “gênero bem nosso” (Candido, 1981, p. 89).

Com isso, o foco foi direcionado aos locais de encontro cultural onde as pessoas se reúnem não apenas para compartilhar companhia, mas também para ter contato com formas artísticas e culturais, como cinema, teatro, casas de show e bares. Espaços onde a música é apreciada, como o som de um tambor ou uma prosa rimada, também despertaram interesse.

Portanto, trata-se de ambientes onde a vida pode ser observada de perto (até mesmo com a participação pessoal do autor dos textos). São lugares onde as pessoas se enfeitam e convidam seus entes queridos para partilhar do que consideram esteticamente agradável, ou seja, locais onde levam o corpo para enriquecer a alma.

Partimos da confiança de que os movimentos culturais da cidade, grandes e pequenos, proporcionariam situações suficientes para a produção das doze crônicas pretendidas. A propósito, no momento em que estas linhas são redigidas, decorrem poucas semanas desde que a prefeitura realizou um grande evento em comemoração às festas juninas, chamado “São João Massayó”. A festa contou com a presença de diversos cantores populares e durou pelo menos um mês.

Eventos como esse têm sido comuns na cidade nos últimos anos e costumam envolver uma grande parte dos moradores. Tornou-se habitual esperar por eles. Há outros, porém, de menor impacto (mas não de menor relevância), que receberam certa atenção, como a Bienal do Livro. Conhecida por promover uma variedade de eventos artísticos, a Bienal não se limita à área literária, mas também se dedica à promoção da arte e da cultura em suas diversas formas.

Além disso, coube a investigação de ambientes mais improvisados, aqueles que surgem por meio de organizações não oficiais e que, por essa razão, não têm grande divulgação. Assim, garantimos ter contato com uma diversidade de experiências, captando bons temas do que ocorre não apenas nos palcos culturais da cidade, mas em seu entorno, em rodas de conversas entre amigos, por exemplo.

Antes de tudo, convenhamos que as pautas são incumbidas da construção das matérias jornalísticas. O repórter sai da redação com a pauta em mãos, seguindo a orientação pré-estabelecida, e se dedica a construir uma narrativa baseada nela. Ele sabe para onde ir, quem procurar e já tem o lead planejado em sua mente.

O cronista, por outro lado, segue seu próprio caminho na busca pelo assunto sobre o qual escreverá. Essa liberdade, maior do que a concedida ao repórter, torna o processo tão simples quanto complicado para encontrar temas que gerem boas crônicas. Essa ambivalência é explicável: é simples porque há uma infinidade de acontecimentos diários que podem servir de tema; e é complicado pelo mesmo motivo. O cronista, pela liberdade que lhe é imposta,

[...] olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. (Moraes, 1966, p 53)

De todo modo, é preciso começar sob a ótica de algum parâmetro. Ainda que o cronista não necessite especificamente de uma pauta, o mínimo de orientação deve-se ter com o intuito de chegar às conclusões necessárias à feitura de uma crônica. Furtado (2023) escreve uma espécie de manual onde estabelece algumas regras para iniciar textos do gênero. Em seu livro, ele sugere algo que não seria bem uma pauta como a do jornalismo, mas que certamente daria um norte aos aspirantes a cronistas.

Para começar, o autor aconselha que todas as ideias repentinas sejam anotadas imediatamente. É valioso observar tudo o que acontece ao redor, sobretudo porque é nas particularidades do cotidiano que se podem encontrar bons temas, o que pode facilitar a fluidez da escrita. Ele diz ainda que se faz “conveniente que o cronista elabore um roteiro com introdução, desenvolvimento (desdobrando nos tópicos necessários) e conclusões. Este roteiro serve de base para a escrita do texto” (Furtado, 2023).

Sob o viés dessas convicções e apoiados pela leitura de textos memoráveis e estudos inteligentes, iniciou-se a realização das crônicas. Inicialmente, considerando temas e ambientes que permitissem observações pertinentes. Em seguida, elaborando listas de possíveis temas interessantes para o objetivo proposto. A primeira lista de assuntos prováveis continha dezesseis itens. Nenhum deles, entretanto, rendeu material suficiente para compor ao menos uma página, sendo, portanto, descartados.

Acontece que aqueles que se dedicam à escrita criativa desenvolvem gradualmente seus próprios métodos, que utilizam para trabalhar em seus textos conforme suas necessidades e experiências. Diante da falta de sucesso com as listas de temas, avaliou-se que a melhor maneira de avançar seria adotar a abordagem dos “flâneurs” de outrora, nas ruas de Paris.

O “flâneur” era um termo empregado para descrever os observadores literários do século XIX, na França, que produziam seus textos (muito semelhantes ao gênero crônica) através da observação cotidiana das ruas. Eram indivíduos cuja exploração (aparentemente) desinteressada da cidade era pretexto para profundas observações pessoais, frequentemente usadas na composição de seus textos.

Conclui-se, portanto, que ao observar a vida desenrolar-se em diversas situações, como faziam os flâneurs pelas ruas, é possível obter muitas inspirações. Fazer anotações imediatas das ideias, ou seja, assim que surgem na mente, é de fato um grande diferencial no processo criativo. Na maioria dos casos, foram as pequenas frases rabiscadas que forneceram a essência de cada crônica, pois eram ainda mais autênticas que as próprias lembranças, constituindo um registro confiável de impressões e fatos.

O processo de escrita criativa exige uma disposição para a curiosidade, como se desenvolvesse um sexto sentido para perceber situações que possam desencadear um bom texto. Por exemplo, estar em casa em um sábado e observar o vizinho preparando um churrasco, mandando alguém buscar bebidas. Ao observar o ambiente ao redor, percebem-se pequenas peculiaridades. Não basta apenas notá-las, mas é preciso segui-las, observar detalhadamente a ponto de descer até a casa do vizinho e fazer perguntas aparentemente sem intenção. Foi assim que surgiu, por exemplo, o texto “Humor de Samba”, uma das crônicas do projeto.

As perguntas realizadas, juntamente com tudo o que foi captado naquele dia, não apenas visualmente, mas também integrando os outros sentidos — ouvindo a música, sentindo o cheiro, percebendo a vibração da vizinhança —, foram elementos essenciais para a criação do texto. A impressão inicial foi de que o que ocorria com o vizinho, o que ele dizia e como se expressava, bem como seus convidados, não diferia muito de outras experiências onde as pessoas se reuniam ao som de samba e ritmos afins.

No curso de jornalismo, aliás, tínhamos um professor muito singular que nos instruiu sobre o uso dos sentidos (olfato, paladar, etc.) na produção de reportagens. Ele nos ensinava que, embora os repórteres sejam enviados para cobrir uma matéria e devam responder às seis perguntas básicas do lead — o quê, quem, quando... —, o

melhor repórter oferece um contexto mais amplo, fornecendo ao leitor as percepções sensoriais além da visão e audição, como o paladar e o olfato.

Essa noção básica, embora interessante para as matérias jornalísticas, torna-se ainda mais valiosa para as crônicas. Foi dando mais atenção aos sentidos que se percebeu que o samba despertava nas pessoas um envolvimento alegre e jovial, típico do estilo e presente no cotidiano brasileiro. Assim, o título “Humor de Samba” foi pensado antes mesmo do texto, e posteriormente se avaliou o que poderia ser desenvolvido a partir dele.

Um processo semelhante ocorreu na escrita do texto “Blasé”. A Bienal do Livro de Alagoas foi mencionada anteriormente como referência para a construção de algumas crônicas. De fato, serviu, mas não quanto aos eventos propriamente ditos. “Blasé” examina o comportamento de conhecidos, observados de perto e contextualizados com as observações feitas durante a visita à Bienal do Livro de Alagoas em 2023.

O texto aborda o indivíduo que tenta acompanhar tudo, mas acaba sobrecarregado de conteúdo, o que o impede de apreciar plenamente o que poderia ser mais encantador. Isso se deve à incapacidade de assimilar tudo o que consome, resultando em um esgotamento causado pelo excesso de estímulos sensoriais e intelectuais.

Na verdade, o texto relata as experiências de duas pessoas distintas, considerando parte de suas vidas nas redes sociais e eventos. O primeiro é mencionado na parte inicial do texto, e o segundo, no restante. Juntos, em seus relatos sobre suas rotinas, eles oferecem uma visão pessoal da realidade contemporânea que pode muito bem ser observada por qualquer um que olhe à sua volta.

Com “realidade contemporânea”, explicamos, referimo-nos àquela em que os smartphones desempenham um papel significativo em nossas interações sociais, evidenciando nossa dependência com tudo o que essas pequenas telas nos permitem ver, ler e ouvir a todo momento.

Com as respostas das entrevistas, foi possível discernir a relação evidente dos entrevistados com seus próprios smartphones. Assim, as perguntas foram feitas de maneira casual, quase como uma conversa, com a diferença de que suas nuances eram anotadas para a elaboração dos textos.

Tais experiências adiantam para salientar algo que se percebe no processo de crônicas, que advém da observação dos acontecimentos ao redor, onde podemos sugerir que

[...] todo relato envolvendo as experiências humanas encontra-se num limiar em que ficção e realidade não podem ser vistas como excludentes uma da outra. A rigor, não se trata de categorias opostas, antitéticas, mas, sim, de categorias que convivem num espaço de natureza dialética (Moraes, 2010, p. 89)

Dessa maneira, ao mesmo tempo em que se pretende falar da realidade de algo em uma crônica, estabelece-se paralelamente uma espécie de “licença inventiva”, que não pretende exatamente inventar algo, mas que mesmo assim o faz, pois quando narramos um fato, ele jamais poderia ser inteiramente fiel à realidade, já que passa antes pela nossa visão pessoal e imaginativa sobre como as coisas acontecem.

Em síntese, “[...] ao se dispor a contar algo, o narrador reúne as peças do universo do acontecimento, organizando-as em outro universo: o do narrado” (Moraes, 2010, p. 89). Essa perspectiva é fundamental para compreender que, embora as crônicas deste projeto se baseiem em fatos reais, elas incorporam elementos inventivos, como ironia, humor, repetição e jogos de palavras.

Por exemplo, o texto “A Insustentável Leveza da Bebida” originou-se de experiências reais de um grupo de amigos. Cada detalhe relatado existiu, mas é improvável que outra pessoa que vivenciou os mesmos eventos os descrevesse da mesma forma, uma vez que, possivelmente, os demais presentes nas situações narradas tivessem percepções distintas sobre elas, pois baseiam-se em suas próprias subjetividades.

Além disso, o texto faz constante referência ao álcool como elemento central da trama, sugerindo que sem ele, os personagens não se reuniriam para desfrutar da companhia mútua. Contudo, essa é uma interpretação particular da realidade, que pressupõe uma uniformidade de pensamento entre todos os envolvidos, o que, na prática, é improvável.

A partir daí, encontrar ideias para novos textos passou a acontecer com ainda mais facilidade, pois o hábito de observar, imaginar e anotar as ideias já fazia parte de uma rotina estabelecida. De repente, uma página em branco no Word estava repleta de espaços para novas histórias, e assim ela passou a ser vista como um mar de possibilidades. Estava-se alcançando uma espécie de fluidez narrativa que, supõe-se, é de grande valia para escritores iniciantes.

Em todas as situações, os pensamentos estavam cheios dessas mesmas possibilidades, e os que viraram crônicas de fato foram aqueles cuja ideia perdurava até o final do dia e esgotava-se somente com o correr das páginas preenchidas. Por exemplo, o texto “Só Podemos Fazer Castelos de Areia” surgiu a partir do momento em que algumas crianças estavam de fato trabalhando em seus castelinhos na areia da praia.

A frase “só podemos fazer castelos de areia” veio ao pensamento repentinamente e se repetiu incontáveis vezes, como se essa ideia estivesse grudada à mente e não pudesse sair. A ideia advém do sentimento de fragilidade de todas as construções humanas, sujeitas à efemeridade com o passar do tempo e a inevitável morte. São construções terrivelmente frágeis, assim como os castelos de areia, que continuamos a erguer o máximo que podemos.

Uma analogia talvez simplista, mas que, porém, pareceu se encaixar perfeitamente em um dia real de uma família aparentemente despreocupada com a fugacidade do tempo e a fragilidade de suas conquistas, em um típico dia de praia para os locais de uma cidade culturalmente praiana como Maceió. Os demais detalhes do texto provieram de conversas com a matriarca da família, com os quais foram construindo o enredo geral de uma dualidade intrínseca: a tragédia humana inserida em uma cena bonita e habitual.

É certo que, não todas, mas grande parte das crônicas que inspiraram este projeto possuem essa mesma característica de serem frequentemente ambivalentes em sua intenção. Rubem Braga costumava fazer isso. Em “Cafezinho”, por exemplo, ele usa a relação do brasileiro com o café para falar sobre a fuga de obrigações e a negligência com nossas responsabilidades. Braga mescla um tom descontraído com uma ponta de seriedade, oferecendo um contexto relevante e atual à sua narrativa. Um trecho:

Leio a reclamação de um repórter irritado que precisava falar com um delegado e lhe disseram que o homem havia ido tomar um cafezinho. Ele esperou longamente, e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café. Tinha razão o rapaz de ficar zangado. Mas com um pouco de imaginação e bom humor podemos pensar que uma das delícias do gênio carioca é exatamente esta frase: – Ele foi tomar café (Braga, 1939).

Naturalmente, o tom de dualidade foi amplamente adotado no caderno de crônicas, pois foi considerado relevante para sua criação de maneira muito particular, como uma necessidade que se apresenta. Essa necessidade, talvez, seja a de promover

uma reflexão que emerge da forma de pensar do próprio autor, a qual ele faz questão de incorporar em suas obras textuais.

Para avançarmos, vamos falar sobre o processo de escrita do texto intitulado “O Banheiro do Lord”. O Lord Nelson, um pub da cidade, estava realizando um festival com várias bandas de rock convidadas para se apresentar. Entre todas as atrações e opções de compra (inclusive tatuagens), uma das coisas mais notáveis era a longa fila no banheiro feminino, enquanto para o banheiro masculino não apresentava nenhuma espera.

Avaliando o ambiente, pode-se dizer que, na festa, havia uma quantidade semelhante de homens e mulheres; portanto, os fatores para as grandes filas eram outros. Foi observado que uma vez dentro do banheiro, as mulheres dedicavam muito mais tempo para fazer retoques e ajustes que consideram importantes para sua aparência, aumentando, assim, o tempo de espera. Isso nos leva a perceber que há muito sobre a beleza feminina que permanece invisível, mas que demanda mais tempo e dedicação do que aparenta.

Essa é, então, a ideia central do texto: as diversas camadas imperceptíveis da beleza feminina, ocultadas pelas próprias mulheres por variadas razões, que nos afastam delas. Isso não se aplica somente à percepção dos homens em relação às mulheres, mas também à maneira como as mulheres se veem. Uma mulher pode optar por usar apliques nos cabelos para ser admirada, sem desejar revelar que de fato usa apliques.

Portanto, discutimos características que podem ser prontamente percebidas ao observarmos o que acontece por trás das aparências, como nos eventos de um banheiro feminino. Não se trata de demonizar os esforços voltados à aparência física, mas sim de destacar como eles são parte integrante de nossas realidades, muito mais do que podemos imaginar.

Os detalhes mencionados no texto referem-se diretamente aos relatos colhidos espontaneamente pelas mulheres na festa, por meio de suas conversas e observações pessoais sobre como se sentiam e o que havia acontecido para que estivessem com a aparência que apresentavam no evento.

A maior parte dos textos criados puderam contar com entrevistas, de modo que cada crônica escrita possui, mesmo que implicitamente, uma pessoa cujas respostas e percepções foram colhidas, oferecendo assim sua própria visão e tornando-as

personagens (algumas ocultas, outras não). Os relatos dos entrevistados somam-se às crônicas, enriquecendo-as com visões diferenciadas sobre cada situação.

As perguntas realizadas buscaram sempre aprofundar a opinião cotidiana das pessoas em relação às situações mais comuns de suas vidas, com o objetivo de coletar visões que possam ser consideradas socialmente comuns e, sobretudo, para enriquecer os textos com o conhecimento do entrevistado.

Tomemos como exemplo o texto do caderno de crônicas chamado “Verinha Não Vai ao Carnaval”. Ele descreve as percepções únicas de uma pessoa, que também refletem as de muitas outras, embora não sejam exatamente comuns. No texto, a personagem não gosta do carnaval, o que vai contra a cultura popular, já que é uma data apreciada pela maioria.

Ainda assim, foi possível incorporar ao texto as percepções únicas da entrevistada, associando-as aos eventos carnavalescos que ocorriam na cidade naquele momento: toda festa realizada pela prefeitura, por exemplo, além de menções aos famosos blocos que costumam ter grande participação e até mesmo à noção de que todo brasileiro ama o carnaval.

O texto supõe, além do mais, que há no carnaval não somente um clima agradável de folia, mas que ele propõe excessos os quais jamais se evita, como a sujeira deixada no dia seguinte às festas, ou as bebidas alcoólicas e todos os desconfortos de se estar andando junto a multidão de foliões. Ele indica, finalmente, no pensamento de Verinha, que há muito mais que pode ser feito para se ter momentos de prazer que, contudo, não seja inconsequente ou desvairado.

Veja, por exemplo, quando lemos o décimo segundo texto, “A Metamorfose dos Costumes”. Nele, embora carregue o maior foco em uma peça teatral que acabara de estreiar, esboça acontecimentos da igreja católica em meio ao período da Semana Santa, que, reparando bem, pode-se ver ou participar todos os anos e sempre de maneira muito semelhante, com ritos comuns como é a procissão, as missas e os hábitos alimentares (comer peixe e tomar vinho).

Tudo isso, ao passo que muda com o tempo, permanece em seus rituais anuais constantes, seja o carnaval da Verinha, a Procissão aos pés de Jesus, ou jovens que reúnem-se para beber e jogar. Eles são parte disto que nos torna irmãos de uma mesma cidade, isto que ainda que vindo de longe, reconhecemos como sendo parte de nós, de onde viemos e estamos agora. Isso é interpretado como fundamental, pois insere os

textos dispostos no caderno de crônicas em uma familiaridade, em um contexto que pode muito bem criar a intimidade junto ao leitor de que viemos falando desde o início.

Para falar mais especificamente, os textos criados possuem temas que partiram de conversas entre amigos e momentos singulares retirados de festas, momentos culturais e também cotidianos. Pelo menos os pormenores disso tudo circulam entre as doze crônicas formuladas e diagramadas em um caderno digital. Por sua vez, a arte criada para a capa, por exemplo, os elementos vetoriais utilizados na peça digital foram elaborados no programa de edição *CorelDRAW*.

Ademais, a intenção de cada texto elaborado foi a de proporcionar uma leitura breve, porém enfática, de pontos tidos como interessantes sobre simples vivências maceioenses no que diz respeito a cenas culturais e artísticas, sobretudo fazendo uma tentativa de causar, a partir deles, reflexões pertinentes ao contexto. Sendo assim, “Linhas Crônicas” advém de toda essa experiência que parte da observação de diversas cenas e de diferentes pessoas, que puderam descrever cenários comuns de serem presenciados na cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever uma crônica nos faz experimentar dois sentimentos que são, certamente, ambíguos. Se, por um lado, escrevemos com mais liberdade e despreendimento do rigor das reportagens jornalísticas, por outro, nos empenhamos a expor opiniões pessoais tão sinceras que acabamos por nos colocar vulneráveis a cada texto. Por isso, o cronista pode sentir, em sua pretensa liberdade, o receio de revelar seu modo de pensar aos seus leitores.

Há uma sensibilidade em escrever crônicas que precisa ser revelada e, para isso, a exposição de nossa opinião pessoal fica mais evidente do que pode parecer, daí a grande preocupação com a revisão, não apenas gramatical, mas também semântica, pois nos preocupamos com as ideias que poderão ser captadas com a leitura de nossas crônicas.

Não se trata de buscar a perfeição, mas sim de torná-la acessível em sua simplicidade narrativa. Essa é a perspectiva de alguém que está dando os primeiros passos no gênero e entende que crônicas não exigem muita elaboração, mas sim uma atenção especial em sua construção. Afinal, a intenção é expressar algo com sinceridade e clareza e, com isso, trazer algum sentimento ou mesmo alguma reflexão.

Até este ponto, baseamo-nos no pensamento de que a comunicação pode ser leve e simples, alcançando o leitor de maneiras diversas, especialmente considerando o contexto atual onde a leitura por vezes se trata de breves caracteres nas redes sociais. Não se pretende dizer que os gêneros da escrita devam ser reduzidos, mas sim que devem se aproximar ainda mais do leitor, como se estivessem ao seu lado, assim como se pode fazer na literatura.

Ao longo das pesquisas realizadas, a concepção sobre o que faz com que o gênero tenha se firmado de maneira estrutural no jornalismo até os dias atuais, remete ao fato de que as crônicas expressam a opinião de seus autores e dão aos leitores a possibilidade de pensar que alguém escreveu exatamente aquilo que eles também pensam, criando uma espécie de legitimação mútua.

Pode-se dizer também que, além de todo o lirismo e poesia das crônicas, elas são fundamentadas em graus de argumentação consciente sobre questões filosóficas, sociais e políticas que interessam à maioria das pessoas, mesmo que estejam pouco evidentes ou disfarçadas sob qualquer tom de trivialidade.

Toda a experiência humana está sendo comunicada agora mesmo de inúmeras maneiras. Isso não é novidade, já que o mundo moderno nos mostra isso muito claramente por meio de todos esses dispositivos eletrônicos que estão diante de nós o tempo todo, mas principalmente através dos smartphones. Grande parte de toda essa comunicação que nos alcança trata-se de experiências muito mais pessoais submetidas às variadas redes sociais, visões particulares sobre a vida que levamos, que chegam a todo momento em forma de conteúdo digital.

Isso evidencia não somente uma tendência exponencial, mas também indica que estamos interessados na visão de mundo dos outros, assim como temos o impulso de compartilhar com os outros a nossa própria vivência, ou aquilo que consideramos relevante sobre o que está acontecendo no mundo. É uma era onde as opiniões mais diversas estão disponíveis para todos verem.

O que seria a crônica, senão parte dessa necessidade de compartilhar com os outros uma visão particular? Ela faz parte de tudo isso, sim, porém, em um formato que requer uma espécie de qualidade inventiva para criar algo que comunique o que queremos com uma certa técnica, não de forma impulsiva, mas pensada, apurada, com a credibilidade que se busca na classe jornalística.

Com isso, podemos reafirmar que a construção de uma crônica tem como base tanto a realidade propriamente dita quanto a inserção de elementos de qualidade devidamente pensados, adotados para que o escritor possa atingir as intenções pretendidas com seu texto, considerando que todo texto pretende conduzir o imaginário do leitor a alguma reflexão. Portanto, toda crônica é carregada de intenções, ou melhor dizendo, do espírito reflexivo do autor.

Pensamos também sobre o que faz um jornalista ser, de fato, um jornalista. São muitas coisas, embora se suponha que basta estar com um diploma em mãos. A capacidade de comunicar com qualidade requer, no fim das contas, uma espécie de sentimento empático para com a condição humana, um envolvimento ao relatar cada assunto, compreendendo a importância de se dirigir à audiência, mesmo que seja em um texto literário como a crônica, com a responsabilidade que se espera de um comunicador.

Ao chegarmos às palavras finais, assumimos aqui um compromisso ao afirmar que a elaboração do caderno “Linhas Crônicas” proporcionou uma ampla aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso de jornalismo, em diversos níveis de aprendizado: a produção de textos coerentes e coesos, as técnicas para realizar

reportagens e entrevistas, a apuração das informações e as táticas de investigação de fatos são alguns exemplos disso.

Outras aplicações relevantes do conhecimento adquirido em aulas, que foram utilizadas no processo, incluem técnicas de comunicação visual, ferramentas de edição de imagem e diagramação, além de conceitos pertinentes relacionados à estética e arte digital. Por tudo isso, este projeto se encerra como resultado de conhecimentos válidos e bem empregados, os quais servirão para a realização de muitos projetos profissionais futuros, se não a crônica, alguma das outras tantas possibilidades desse extenso campo que é o da comunicação.

6. REFERÊNCIAS

ANGELO, Ivan. **Sobre a Crônica**. Veja São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/sobre-cronica/>> Acesso em: janeiro de 2024

ASSIS, Machado de. **Crônicas escolhidas de Machado de Assis** - in: Coleção Folha. Ática, 1994, p. 13-15

BRAGA, Rubem. **Cafézinho**. 1939. In: Guatá - Cultura em movimento, 2021. Disponível em: Cafezinho, uma crônica de Rubem Braga

BRAGA, Rubem. **Crônicas para jovens**. Global Editora; 1ª edição. São Paulo, 2013.

BRIXIUS, Leandro José. **Objetividade Jornalística: um estudo a partir das rotinas de produção das editorias de política de zero hora e correio do povo**. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, 2006, pp. 15-34

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. 1ª edição. Porto Alegre. Arquipélago Editorial; 2006

CAMPOS, Paulo Mendes. **O amor acaba**. Companhia das Letras. 1ª edição. São Paulo, 2013.

CÂNDIDO, Antônio. **A vida ao rés do chão**, in: Para gostar de ler - Crônicas vol. 5 São Paulo: Ática, 1981, pp.89-99

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. Companhia das Letras; 1ª edição, 2003.

CONY, Carlos Heytor. **A crônica como gênero e como antijornalismo**. Folha de São Paulo - Ilustrada, 1998. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq16109815.htm>> Acesso em: janeiro de 2024.

DIAFÉRIA, Lourenço. Herói. Morto. Nós. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos (Org.). **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 195-197.

FELINTO, Marilene. **Jornalisticamente Incorreto**. 1ª edição. Record. São Paulo, 2000

FURTADO, Alfredo Braga. **Como Escrever Crônicas**. Editoração Eletrônica, 2023. Disponível em: ler amazon

IVE, Vanessa. **A crônica e a conversa**. Leituras Contemporâneas. Disponível em <<https://leiturascontemporaneas.org/2018/09/06/a-cronica-e-a-conversa/>> Acesso em: outubro de 2023

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo : gêneros opinativos no jornalismo brasileiro** 3.ed. rev. e ampl. Campos do Jordão : Mantiqueira, 2003. P.148 - 162.

MORAES, Carla Roselma Athayde. **Retratos da crônica jornalística brasileira: uma abordagem linguístico- discursiva e sociocultural**. Tese de doutorado. Belo Horizonte, 2010, p. 73-104.

MORAES, Vinicius de. **O exercício da crônica (1)**. In: MORAES, Vinicius de. Para uma menina com uma flor (crônicas). Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966. p. 53

NERY, Alfredina. Crônica - **Gênero entre jornalismo e literatura**. Uol. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/CZyv1>> Acesso em: novembro de 2023

QUEIRÓS, Eça. **O valor da crônica de jornal**. In Distrito de Évora. Publicado em 1867. Citador. Disponível em: <<https://abrir.link/FRZMV>>

RAMOS, Graciliano. **Linhas Tortas**. Record; 22ª edição. São Paulo, 2005

SCRUTON, Roger. **Beleza**. São Paulo. 2013. Disponível em: <Roger Scruton-Beleza.pdf | DocDroid>

SIEBERT, Silvânia. **A Crônica Brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura**. IEL/UNICAMP, 2012. Disponível em: <Vista do A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura>

SILVA, Anselmo José. **A crônica jornalística no brasil: Antônio Prata, um cronista do nosso tempo**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2019, pp 13-53.

TÁVOLA, A. **Literatura de jornal (O que é a Crônica)**. Jornal O Dia, Rio de Janeiro, 27 jul. 2001. Disponível em:<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ntc_1.php?t=044>

VERÍSSIMO, Luís Fernando. O verdadeiro você. In: **As mentiras que os homens contam**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 247.

YSHIDA, Kelly. **Nem sempre um mar de leveza**. Jornalismo e História, 2021. Disponível em <<https://encurtador.com.br/bWoT2>> . Acesso em: novembro de 2023